

TERRITORIALIDADE RELIGIOSA

Uma Amostragem Regional na Cidade de São Paulo

Maria Cecília França
Christian D.M. de Oliveira
Gualberto L.N. Gouvêia

Objeto tardio nas preocupações geográficas, o enfoque espacial da religião se justifica amplamente hoje, não só pela proliferação cada vez mais visível de novos credos como pelas adaptações necessárias por que vem passando as religiões tradicionais na luta pela manutenção e/ou expansão dos seus mercados.

Essa luta pela conquista do campo religioso tem sua expressão territorial na aproximação, na superposição ou no isolamento dos credos praticados em cada lugar.

É a trama desse relacionamento no interior de uma religião ou inter credos que tentaremos desvendar a partir de uma região da metrópole paulistana.

A pesquisa para elaboração deste trabalho teve início em março de 1996, razão pela qual só faremos aqui algumas considerações preliminares sobre um assunto tão complexo e pouco comum numa abordagem geográfica.

As múltiplas facetas da religião nos levaram a formar um grupo interdisciplinar de pesquisa, composto por dois teólogos, um sociólogo e três geógrafos.

A Lapa, importante bairro tradicional de São Paulo foi escolhida como poderia ser qualquer outro bairro que refletisse o crescimento da cidade e sua problemática atual.

Num país de arraigadas tradições católicas onde o povoamento se deu, na maioria das vezes, a partir de um patrimônio ou legado religioso, a paróquia é a realidade institucional mais palpável no espaço, razão pela qual foi com um minucioso questionário aplicado aos párocos ou vigários da Lapa que abordamos o complexo espaço do sagrado na Grande São Paulo.

A designação Lapa para o bairro só é conhecida após o aparecimento da estrada de ferro, no final do século XIX. Até então era chamado de Emboaçava, termo indígena dos Guaianazes que significa passagem.

Essa função de passagem das tropas de bois vindos de Goiás permaneceu por um longo período, do final do século XVI até o advento da ferrovia, na segunda metade do XIX. E ainda é a principal porta de saída para o Oeste.

No final do século XVI havia ali uma fortaleza, a de Emboaçava. Nos séculos seguintes a Lapa permaneceu como uma extensa área rural, pouco povoada, pouco produtiva e isolada do núcleo urbano. Eram conhecidas as fazendas do Anastácio e de Emboaçava, mas não abasteciam o centro. Mesmo após o aparecimento da Santos-Jundiaí em 1867, não serviu para o desenvolvimento do bairro, pois não havia estação ali. Ao contrário, o assentamento dos trilhos desativou o caminho das boiadas e o marasmo se acentuou ainda mais. Citando uma planta do Arquivo Aguirre, datada de 1898, Aroldo de Azevedo diz que, ao findar o século XIX, havia ali a capela, uma venda e cinco ou seis casas alinhadas ao longo da chamada Estrada de Jundiaí, atual rua do Anastácio.

Foi só entre 1930 e 1950 que o bairro começou a se articular com o centro de São Paulo, primeiro como subúrbio, em função das duas estradas de ferro (Santos - Jundiaí e Sorocabana) e após 1950 como extensão do parque industrial. As oficinas da

estrada de ferro inglesa foram precursoras do rápido desenvolvimento industrial que se acentuou a partir de 1970.

Situada na confluência dos rios Tietê e Pinheiros, ao lado das mais importantes artérias de circulação, a Lapa oferecia uma imensa área de terraços fluviais e de várzeas para a ocupação humana. O baixo preço dos terrenos atraiu loteamentos residenciais e industriais, alguns datando já do fim do século mas só efetivamente ocupados com o *boom* da indústria. Os terraços fluviais mais elevados atraíram a classe média alta e a média mais modesta (City Lapa, Vila Romana, Vila Anastácio, Vila Leopoldina, etc.). A indústria e as vilas operárias foram, de início, se estabelecerem junto à ferrovia para, posteriormente, conquistarem a várzea, primeiro do Tietê e posteriormente do Pinheiros.

Em pouco tempo a Lapa atraiu uma enorme população variada onde o imigrante interno e externo se faz representar, refletindo a ocupação de toda a metrópole.

Como decorrência dessa ocupação e da instalação industrial, o comércio se intensificou e diversificou, expandindo-se a partir do centro tradicional para as artérias que demandam o centro da cidade e as saídas para as estradas do oeste. O CEAGESP, maior centro de abastecimento da América Latina, localizado na Vila Leopoldina, próximo à ferrovia e ao rio Pinheiros aglutinou, em seu entorno, grandes empresas industriais e comerciais, dentre as quais algumas multinacionais.

Hoje a Lapa é um mosaico da megalópolis, com todos os seus problemas de emprego, moradia, circulação, violência, poluição, enchentes, etc. Em decorrência, a indústria que, da proximidade dos trilhos, havia conquistado a várzea, está sendo submetida a um rápido processo de expulsão das cidades interioranas.

Nesse quadro de conquista rápida do espaço pela população, a Igreja Católica foi multiplicando suas paróquias e comunidades, tentando inovar para reter seus fiéis que vão escapando para outras confissões, na medida em que seus métodos tradicionais de conquista não mais preenchem o isolamento do indivíduo perdido na complexidade metropolitana.

DESCRIÇÃO DO MAPEAMENTO DA TERRITORIALIDADE RELIGIOSA DO BAIRRO DA LAPA

O levantamento de dados a respeito da presença de manifestações religiosas no bairro da Lapa nos colocou diante do problema da compatibilidade dos limites cartográficos. Ocorre que a divisão distrital (oficial), utilizada pela Administração Regional da Prefeitura do município de São Paulo, não corresponde ao conjunto espacial setorizado que a Arquidiocese de São Paulo usa para agrupar suas paróquias. Assim, o Distrito da Lapa tem uma área de intersecção com o Setor Lapa que corresponde, no máximo, a 70% do seu total.

Como resultado desta constatação, temos que visualizar o mapa do Bairro como uma aproximação representativa e incompleta de duas territorialidades: a administrativa e a católica. Será na sobreposição destas áreas que tentaremos descrever a territorialidade religiosa até aqui encontrada.

O distrito da Lapa delimita-se, a partir do centro da área comercial mais antiga (matriz da paróquia N.S. da Lapa), descrevendo uma circunferência irregular com raio de aproximadamente 2,5 Km. Na várzea localizada em faixa norte, entre as ferrovias e a marginal do rio Pinheiros, encontra-se a principal área industrial do bairro. Aí estão demarcados os domínios de três paróquias do Setor Lapa: Cristo Jovem e São Pedro

Apóstolo (na Lapa de baixo) e parte da São João Vianeu (na Água Branca). Chamaremos sua territorialidade de “área 1”.

A oeste, sudoeste e sul deste centro estende-se a continuação do divisor de águas conhecido como “Espigão da Paulista”. Encontra-se aí os residenciais de classe média e média alta. Do setor Lapa, representados pelo Alto da Lapa, Vila Ipojuca e Vila Anglo-Brasileira. Do setor Lapa, temos o domínio das paróquias de São João Batista e Nossa Senhora Aparecida. Esta será a nossa área 2.

Já na extensão leste do setor Lapa, equivalente a uma faixa de diversificação de atividades terciárias, encontra-se a Vila Romana, domínio principal da paróquia São João Vianey, a área 3, local de maior concentração de aspectos instigantes para nossa descrição.

Na área I, as poucas Igrejas existentes concentram-se na Lapa de Baixo. Elas estão aparentemente relacionadas aos acessos rodo-ferroviários que ligam o centro de São Paulo com a periferia noroeste da cidade. Tratam-se das principais passagens para as regiões de Pirituba e Osasco.

A baixa densidade residencial, juntamente com a expressiva presença de indústrias, terminam por contribuir também na explicação desta reduzida quantidade de manifestações religiosas.

Na área 2, ao contrário, existe uma ampla área residencial, de padrão aquisitivo elevado em relação à média dos moradores da capital. Reduz-se aqui a possibilidade de acesso viário com a ausência da ferrovia e a redução de linhas de ônibus. De forma mais nítida, os outros centros religiosos localizam-se numa vizinhança mais próxima da Igreja matriz. As explicações, porém, estariam em fatores ainda não elaborados.

Completando o distrito teríamos a 3ª área que de forma completa abrange toda faixa central deste mapeamento. Como reduto mais antigo da ocupação urbana e centro de fluxos viários voltados ao comércio e a serviços, aqui se distribuem 28 das 42 manifestações religiosas cadastradas no bairro metropolitano. Ou seja, trata-se de 2/3 dos templos não católicos onde predominam igrejas pentecostais, neopentecostais e protestantes tradicionais além de 1 centro espírita e 1 sinagoga israelita.

Embora relevante, o levantamento e a cartografia realizados evidenciam limites a seres superados no prosseguimento da pesquisa: a) a execução deste mapeamento nos outros setores da Região Episcopal, tornando a análise sobre a territorialidade bem mais representativa em termos da cidade de São Paulo; b) o cadastramento de equipamentos ou centros religiosos que não se anunciam como tais na paisagem urbana. Para tal, é necessário fazer uma busca em cartório ou lista telefônica; c) a verificação e possível classificação das demandas religiosas de cada uma dessas manifestações. Isto sendo representado pela área de influência e atratividade do centro em termos de porte (infra-estrutura); d) a formatação de uma base geográfica definitiva com a qual pudessem ser traçadas comparações regionais da organização e abrangência de diversas territorialidades religiosas.

TERRITÓRIO DA FÉ: LAPA

As reflexões a seguir, foram baseadas em nossos questionários.

O espaço é condição e produto das relações sociais de produção. Ele também é uma imagem da filosofia de vida que em determinados momentos históricos e em determinadas condições concretas, é vivenciado pela sociedade.

O conhecimento sobre a cidade, um bairro, um conjunto de igrejas, é uma representação mental parcial da realidade exterior concreta, elaborada a partir da percepção e intuição do indivíduo e de sua concepção de mundo.

As Igrejas e as religiões, por sua vez, instalam-se no espaço, criam sua territorialidade e propagam seus signos e significantes.

No dizer de Milton Santos (1994):

“É o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto de análise social” (pag. 16).

As Igrejas Católicas, na região da Lapa, configuram entre si uma malha que busca a contigüidade dos lugares vizinhos. À medida que um adensamento local se torna notável, uma nova Paróquia é criada no lugar de uma antiga comunidade e assim, ela se fortalece enquanto gestora do território religioso.

Por outro lado, as Igrejas Católicas da Lapa não estão sozinhas em seu território. Sofrem a concorrência mercadológica de outras Igrejas e de manifestações esotéricas. Seu território está sujeito a todas as formas de manifestações sociais.

O mundo contemporâneo é um mundo de desencanto. O desgaste com a esfera pública, o mundo político, tem feito com que os indivíduos se voltem cada vez mais para uma cultura narcísica e individualista, fazendo do espaço público um espaço de banalidades. Um espaço de todos. E o que é de todos, o que é público, é hoje banal. Não tem valor. Mesmo a Igreja, um espaço sagrado, possui distinções. As mais procuradas para celebrações institucionais como o casamento e batizados são as Igrejas amplas e de estética agradável. Ela é procurada para celebrar o espetáculo e não a fé, o mistério, conforme percebemos em nossos questionários.

A política é apresentada nos meios de comunicação de massa como uma atividade de técnicos profissionais, burocratas, oportunistas, corruptos ou como uma alternativa de acumular riquezas. Política e Estado passam a ser vistos como instituições acessórias, quando não parasitárias. O individualismo é sugerido como alternativa eficaz em torno do descrédito das leis e do político. A Igreja Católica, ao inserir como tema da Campanha da Fraternidade motivos políticos, corre o risco de dessacralizar e ser confundida com o eminentemente público. O banal. Pudemos constatar em nossos questionários, a baixa aprovação dos fiéis pelos temas sociais e políticos da Campanha da Fraternidade.

A filosofia de vida hoje, privilegia a conquista de bens materiais ignorando os aspectos finais da existência, entronizando o egoísmo como lei superior porque é o instrumento da almejada ascensão social. No lugar da vida pública, emergem respostas individuais ao mundo fragmentado que vão desde a necessidade e o desejo indiscriminado por bens de consumo, até os movimentos esotéricos que também privilegiam o individual e o narcísico.

A cultura narcísica de que fala LASCH (1983) é aquela em que o conjunto de itens materiais e simbólicos maximizam real ou imaginariamente a condição de desproteção dos indivíduos, forçando o ego a ativar os mecanismos de autopreservação da própria identidade. É a cultura onde o recrudescimento da angústia diante da experiência crescente de impotência e desamparo é levada a um ponto que torna conflitante e muitas vezes inviável a prática da solidariedade social. Inviável, porque, conforme ELLUL (1968), o homem foi feito para um meio vivo e está num universo de pedras que o esmaga. O homem foi feito para ter um lugar, um espaço para se movimentar, cômodos para mover-se; mas está enclausurado no mundo.

Nossa época, também é caracterizada pela fragmentação do superego (HABERMAS-1980). Como consequência da desestruturação do superego, boa parte da sociedade acaba desenvolvendo uma certa passividade resignada, que não sabe como, ou sequer tenta, transformar condições indesejáveis de existência. Esta passividade, que gera maioria silenciosas (BAUDRILLARD - 1985), envolve a perplexidade do homem fragmentado em sua identidade cultural. É o consumidor de informações consumido pela quantidade do produto recebido, incapaz de recompor as mediações que restabeleceriam a identidade perdida e recuperariam o elo de ligação homem/cultura.

Um dos pensadores mais polêmicos e marcantes da pós-modernidade, Jean Baudrillard, assinala como a identidade fragmentada do homem do século XX se reflete em cada indivíduo:

“Nós somos apenas episodicamente condutores de sentido, no essencial e em profundidade, nós nos comportamos como massa, vivendo a maior parte do tempo num modo pânico ou aleatório, aquém ou além de sentido” (1981).

As pessoas, numa sociedade de massa, são como milho em um saco; só contam como quantidade. Na verdade, não passam de simples estatística. Porém, continuam em busca da felicidade.

Os fiéis católicos da região da Lapa, buscam recompor sua identidade a partir da fé.

Nos questionários aplicados pôde-se verificar que as Igrejas que possuem maior afluência de fiéis são aquelas que priorizam o serviço puramente religioso. As que possuem santos milagreiros, portanto, populares, recebem um contingente maior de fiéis em suas missas dominicais e mesmo durante os dias comuns da semana. As Paróquias que não estimulam esse tipo de devoção tem seu número de fiéis sensivelmente reduzido.

Os santos milagreiros, percebemos, são um importante elemento para o avivamento da fé, Quando a Igreja racionaliza a fé e coloca a crença nos santos como uma inconveniência, fragmenta a identidade e a fé do fiel. Importante ressaltar que nenhuma das Igrejas pesquisadas tinha por padroeiro um santo popular. No entanto, algumas possuem padres extremamente carismáticos que congregam um grande número de fiéis em torno de suas paróquias.

Apesar de seu território contíguo, outras igrejas cristãs, terreiros de umbanda e movimentos esotéricos encontram seu espaço e procuram avançar sobre o território católico, como o caso contado por um Padre em que um ex-fiel de sua Igreja, tendo se tornado evangélico, voltava aos domingos, na hora da missa, para tentar convencer seus outrora irmãos católicos a se tornarem irmãos evangélicos.

Atitudes como essa dificultam o avanço da mensagem ecumênica que parece ser uma iniciativa institucional que não possui respaldo das bases. A maioria dos Padres entrevistados são indiferentes ao tema. Salientam que os membros de outras igrejas devem ser tratados com respeito mas não há insistência no diálogo. É compreensível. A maioria das igrejas evangélicas vêem os católicos como “clientes” em potencial. Procuram ré -introduzir no fiel católico o discurso religioso que resgate a fé arrebatadora.

Quando recuperam a fé, as pessoas renovam seu desejo e o impulso de se lançarem na vida, de lutar. O poder sustentador da fé não está no seu conteúdo, mas na natureza da fé em si mesma.

Ao procurar politizar seu discurso, a Igreja Católica incorreu na mesma armadilha da ciência objetiva. Deixou de considerar uma grande parte da experiência humana baseada em uma significação subjetiva que a afeta profundamente.

As Igrejas Católicas da Lapa procuram hoje, resgatar o sentimento de comunidade com seus eventos festivos com bingo, bazar, quermesse, etc. Uma pessoa religiosa precisa se sentir parte de uma comunidade humana. Não é isso que os movimentos esotéricos proporcionam, já que são efêmeros e privilegiam a individualidade.

Aura, pensamento positivo, sofrologia, chakras, cromoterapia, cartomancia, etc, são movimentos de caráter holístico que, no entanto, não avançam em direção ao solidarismo.

Buscam a satisfação pessoal, como sucesso profissional, a volta de um ente querido, a cura de determinada doença. Não há manutenção da experiência religiosa. Não há o arrebatamento. Experimentar o sagrado se torna mecânico. Algo que pode ser aprendido. Como dirigir um veículo. Banaliza-se o sagrado.

CONCLUINDO

A humanidade vive uma crise ética que não encontra paralelo na história. A culminância, ou seja, este momento particular onde uma grande quantidade de valores se alteram, aponta para um mundo em depressão.

A morte de Deus, tão apregoada pelo final dos anos sessenta, parece não ter se concretizado. Ao contrário, mais do que nunca se busca uma alternativa que transcenda o objetivo.

A Lapa é uma região da cidade de São Paulo, onde podemos observar a emergência do sagrado. Cabe aos principais gestores da religião canalizar esse desejo imenso de fé em instrumento de libertação do povo, em busca de um mundo novo. Como aquele do profeta Isaias.

BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, Aroldo; “**A Cidade de São Paulo**”, vol. 3, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1958
- BAUDRILLARD, Jean B.; “**À Sombra das Maiorias Silenciosas**”, Ed. Brasiliense, São Paulo, 1985.
- BAUDRILLARD, Jean B.; “**Simulacre et Simulations**”, Galilée, Paris, França, 1980
- HABERMAS, Jurgen; “**Habermas**” Coleção “Grandes Cientistas Sociais”, vol 15, Ed. Ática, São Paulo, 1992.
- LANGENBUCH, Juergen Richard; “**Estruturação da Grande São Paulo**”; Fundação IBGE, Rio de Janeiro, 1971
- LASCH, C.; “**A Cultura do Narcisismo**”, Ed. Summus, São Paulo, 1983.
- LORO, Tarcísio Justino; “**Espaço e Poder na Igreja - A Divisão da Arquidiocese de São Paulo**”, Tese de Doutorado, Faculdade de Geografia, USP, 1995
- LOWEN, Alexander; “**O Corpo em Depressão - As Bases Biológicas da Fé e da Realidade**”, Ed. Summus, São Paulo, 1983.
- SANTOS, Milton; “**O Retorno do Território**” in “**Território, Globalização e Fragmentação**” organizadores: Milton Santos, Maria Adélia A. de Souza e Maria Silveira Laura, Ed. Hucitec, São Paulo, 1994.
- SANTOS, Wanderley dos; “**Lapa**”, in “**História dos Bairros de São Paulo**”, Depto. Do Patrimônio Histórico da Prefeitura de São Paulo, s/d.
- TERRIN, Aldo Natale; “**Nova Era - A Religiosidade do Pós-Moderno**”, Ed. Loyola, São Paulo, 1996